

DIÁRIO INDEPENDENTE
DIRECTOR-EDITOR
FERREIRA DA SILVA
Redacção, administração, composição
Impressão, Rua de Alportel, 23 27
Endereço tel. grafico
ALGARVE-FARO

O ALGARVE

Faro, 27 de Abril de 1924

Photografia
Brasil
Tetractos d'arte - todos
generos de fotografia executados
com absoluta perfeição
R. da Escola Politecnica, 141
LISBOA

que se faz e o que se devia fazer

Em 1923, o rendimento medio
trigo por hectare foi na Ho-
landa e na Dinamarca, de 2.900
gramas; na Belgica e Irlanda,
2.460; na Suissa e Inglaterra,
2.200; na Aelmania e Soe-
de 2.000; na Noruega, de
1.000; na França, Luxemburgo,
Italia e Italia, de 1.300 a
1.000; na Austria, Bulgaria, Ro-
mania e Hespanha, de
800; na Grecia, de 830 e em
Portugal, de 770.
Mas ha que tirar cerca de
10 kilos para semente.
O nosso paiz com o seu solo
fértil, o seu sol, cantado pe-
los poetas, é o mais ingrato ter-
reno de todos os paizes, porque
com o minimo de produ-
ções do norte, produzem em
nós todas as contas, 5,7
vezes mais do que Portugal.
Os impostos sobre as proprie-
dades bâticas, são insignificantes.
Por isso que a produção de
trigo e de tudo, vai noutros paizes
aumentando sempre,
enquanto aqui está como a Belgica, ta-
do do Alemtejo, produz mu-
lta coisa do que o nosso paiz
e não só em trigo. Em gado
produz muito mais do do-
do que em Portugal!
Trabalhamos mal, o clima e o
solo não ajudam e o imposto so-
bre a propriedade rural é maior
do que ela pode pagar e a pro-
priedade delinha a passos de gi-
gante.
No Algarve, as propriedades
vão cada vez mais entregues a
alugueiros, porque os proprietarios
não podem cultivar com lucro.
Os preços do pessoal, adubos e
ferramentas são já fóra do razoavel pa-
ra se poder fazer uma exploração
em conta propria. Os rendeiros,
nas propriedades baratas, por-
que não é possível actualisa-las,
não podem cultivar, porque fa-
zenda a cultura por suas mãos. São
explorações pequenas que pouco
precisam do que o trabalho
da familia, equilibrando-se as-
sim.

Mas os proprios rendeiros es-
tão já descontentes e não ha mu-
ltos mezes que sahiram para a
Argentina uns 600. Mais uma li-
berdade qualquer, mais uma exi-
gencia das comissões de subsis-
tência ou das camaras e largam
logo porque não aturam, não so-
dem mais nada. Tem o seu tra-
balho garantido no estrangeiro e
vão para onde os tratam bem. As
comissões e autoridades, tendo o
cultivo da terra aumentado o tri-
pulo do ano passado e os adubos
vão do dobro, querem que os ar-
tigos expostos a venda o sejam
pelo mesmo preço do ano passa-
do. Não pôde ser! E como não
pode ser não é. A baixa do escu-
do é disto a causa primordial.
Os governos, se haviam de tra-
tar da alta do escudo e se esse
fosse o objectivo unico já se tinha
conseguido; desvalorisam-no mes-
mo sem o quererem, e o resultado

é o que se está vendo. Nada dá
maior certeza do que os numeros,
e os numeros são impiedosos!
Para se salvar o paiz faz-se
mais um sacrificio e a repercus-
são do imposto nos preços dimi-
nue a produção no espaço e no
tempo.
Mas se a todos é licito forma-
rem cooperativas, eis um remedio
eficacissimo contra os preços exa-
gerados, e essas casas regulado-
ras, em vez de andarmos uns con-
tra os outros, davam a conhecer
que o comercio nem sempre é ili-
cito, que a industria nem sempre
é gananciosa e que a agricultura
faz o que pôde para servir bem.
No concelho de Faro, prepara-
ram-se terras de horta para ser-
virem metade do Algarve, mas
com a estreita visão de quererem
para Faro fornecimentos mais ba-
ratos, o ad-valorem e as guias que
tem de tirar, o dificultam o trans-
porte para os outros concelhos.
O resultado é que os cultiva-
dores passaram a cultivar as ter-
ras para si, semeando só o que
lhes convem: é a forragem para
os animais, é o trigo e o milho
que lhes dá o jantar e a ceia, as
hortaliças para casa e não tem
que vender.

Assim a praça de Faro, sem-
pre a mais abundante que se co-
nhecia, passou a não ter nada. Isso
faz tambem que o peixe atinja
preços fabulosos.
A batata redonda que fazia a
fartura destas regiões, vende-se
hoje, vinda de fóra, a 2.500 reis
o kilo. Ha oito anos vendeu-se a
120 reis a arroba, 8 reis o kilo!
E todas as locubrações para
se inventarem leis de excepção
contra os açambarcadores e a fa-
lta de se procurarem meios de
abastecimento sem se encontra-
rem, resultam inúteis porque es-
ses meios só existem na liberdade!
E assim 500 hectares que cultiva-
dos intensivamente de batata po-
diam dar meio milhão de arrobas,
ficam reduzidos a 0 ou pouco
mais! Não sabemos trabalhar!

F. N.

HA 44 ANOS
O Districto de Faro de 22
de Abril de 1880

No domingo teve lugar em Lis-
boa a cerimonia da sagração do bis-
po de Angola, o nosso patrio D.
José Sebastião Neto
Em virtude da recente alteração
do horario da chegada e partidas dos
correios do circulo postal de Faro,
são recebidas nesta cidade as malas
de Lisboa ás 8 horas e meia e as
desta provincia ás 9 da manhã, e
expedidas aquelas ás 11 horas e es-
tas ás 12 tambem de manhã.
Por absoluta falta de espa-
ço os nomes forçados a reser-
var para o proximo numero
alguns dos artigos e anuncios.

O CASO DA CADEIA
"NEM TODO O MATO..."

Presado amigo Ferreira
da Silva:

V. conhece-me suficientemente
para saber que não sou creatura
que se assuste com papões... o
que julgo acontecer a muita gen-
te. Outrosim, que sou incapaz de
subscriver uma falsidade ou de
deixar sem resposta quem por-
ventura a provoque. Tenho até,
sob este ponto de vista, um des-
mesurado orgulho, uma illimitada
vanidade: não ir abaixo com «duas
cantigas», como soe dizer se, des-
de que a razão esteja do meu la-
do.

Na minha curta mas experimen-
tada vida, tenho visto muita coisa,
assistindo a muita manifestação
de especiosa hermeneutica... Concomitantemente, a outras tan-
tas fulgurações da Verdade, esse
pobre diabo, que mesmo em pe-
dra, lá longe, no Quintela, parece
apostada em contender com os ner-
vos de muita gente...

Assim, nada podem sobre nós
as subtilezas e caposismos, por-
que são matérias cuja fragilidade,
mesmo á legua, temos constatado,
ainda que manuseados por experi-
mentados mestres da oratoria...
verbalstica. Junte-se isto ao inve-
recido horror que temos por to-
da e qualquer especie de poeiras
e ter-se-á a idéa exacta do que
ora nos preoccupa: não deixar que
a Verdade seja desacatada, im-
pando o solo da cacaria com que
quizeram feri-la e da poeira com
que quizeram ofusca-la.

Acabamos de ler a carta que
neste jornal publicou o sr. dr. De-
legado desta comarca. Quiz a sor-
te, que a mesma coincidissem com
a publicação do nosso arrazoado,
e este facto reboila-nos, porque,
alem do evidentissimo contraste
que dahi resulta quanto á firmeza
de terrenos pisados, vem dar-nos o
melhor ensejo de permos bem á
prova a brandura dos nossos cos-
tumes e, consequentemente os in-
teressantissimos tratos de polé que
a justa interpretação dos factos e
das leis e a boa noção da moral
sofrem, quando a solicitação capa
da misericordia aparece em socorro
dessa mesma brandura, tapando
e tapando-se...

Quem haja lido a prosa do sr.
Delegado sem ter visto o que antes
publicamos, julgara que S. Ex.ª
responde a qualquer vulgar
noticia, mais ou menos tendenciosa...
aqui vinda a lume. Ora não é as-
sim. O que este jornal publicou
foi sim a copia dum documento
dado antes entregue a S. Ex.ª.
Sendo o seu autor um habitual co-
laborador do jornal, houve ele por-
bem que a alludida publicação se
fizesse com o titulo que melhor
lhe pareceu, acrescentando aquellas
linhas que muito bem quiz, mas
fechando as com as iniciais do seu
nome, o mesmo que subscrvia o
documento transcritto.

A que vem, pois, o ped do do
sr. delegado ao directo: deste jornal
para que este desmint a ma-
teria publicada?!
S. Ex.ª engou-se redonda-
mente no numero da porta... No
caso em debate, nada ha a des-
mentir. A confirmar, corroborar,
ratificar, sim, ha, e quando assim
não fosse só nós teriamos autori-
dade e competencia para tratar do
caso, como queixoso, e mais ainda
como pessoa plenamente conhecedora
das regras seguidas em taes
casos e costumados a responder
seja em que campo for, por tudo

que escrevemos. Gafou... ahi,
como no resto, o sr. Delegado.
Adiante.
Ao invéz de reparar somente no
titulo e linhas que enquadravam a
transcrição e que representavam
matéria nova, denunciante duma
generalisação até ali não apontada,
o sr. Delegado entendeu por bem
deliciar-nos o paladar com uma
bruzara salada russa, capaz de
empanzar os estomagos... fracos.
Assim, vá de «desmentir»
aqui, «negar» acolá, «desculpar»
ali, sem ter feito previamente, a
inquirição das testemunhas, ter
ouvido o queixoso, todo o iraballo,
enfim, que importa a um bom
conhecimento das coisas. Porme-
nor ilucidativo: as testemunhas fo-
ram ouvidas no sabado 12 aqui
em Faro, e o sr. Delegado estava
nessa data em Lisboa, donde es-
creveu a sua carta.

Do comodo processo seguido
pelo sr. Delegado, pretendendo
inutilisar ou desvirtuar um proces-
so com a simples publicação duma
carta, na qual para maior justifi-
cação de engenho, nem sequer falta
a comodissima ameaça, haviam
de resultar-lhe, — é dos canones... —
os naturaes dissabores... «Não
se pescam trutas...»
Dis S. Ex.ª: «... muito bem
sabe (nós) que os presos da cadeia
não passeiam de madrugada pelas
ruas da cidade...» Sonhou, certa-
mente, o sr. Delegado esse nosso
conhecimento, porque o que sabe-
mos, por no lo terem dito, é que
não foi esta a primeira vez que um
preso da cadeia foi visto nas ruas
da cidade fora das horas regula-
mentares. Pode S. Ex.ª negar este
facto, com absoluta, com rigorosa
certeza? Assiste o sr. Dele-
gado a entrada diaria dos presos,
quando de volta á cadeia? Poderiamos, se quizessemos, apresentar
um testemunho insuspeito. Não o
fazemos, porque iriamos, talvez,
tirar o pão a alguém. Nós pode-
mos bem com a responsabilidade
da affirmativa. Depois... a inves-
tigação para alguma coisa fo-
feita...

«O preso é, como ele (nós) mu-
lto bem já sabe, um evadido da
cadeia...» Este periodo do sr.
Delegado requer meticolosa aten-
ção, porque, caso interessantissimo,
é peixe e carne ao mesmo
tempo... Assim, acerta o sr. De-
legado quando diz que o preso é
um evadido.
Ora, o que nós desejaríamos, é
que S. Ex.ª nos provasse, de ma-
neira inofensivel, que já o era na
ocasião em que praticou a proeza,
destruindo dessa maneira as de-
rações dele proprio ás pessoas
que o capturaram e ainda o se-
guinte, dado entre nós e o carce-
reiro. Textual:
— Conhece o homem que me
Partiu o vidro?
— Conheço.
— Onde está ele?
— Fugiu.

Foram estas, com um «obriga-
do; desculpe o incomodo» as uni-
cas palavras trocadas com o car-
cereiro no proprio dia da occur-
rencia, passadas apenas algumas
horas. Mas, segue-se.
«Não é verdade, já averigui,
tal preso ter sido entregue na ca-
deia, mas sim foi atirado por cima
do muro para o pateo da pris-
ão...» S. Ex.ª não averiguiu nada,
porque se o tivesse feito,
saberia muito bem que o preso
foi entregue pelas pessoas que o
conduziram, aquelas unicas que de
dentro da cadeia responderam aos
reiterados chamamentos: dois me-
nores. Mas, veja-se:
«O carcereiro não é uma senti-

nela para estar vigilante toda a
noite e de madrugada decerto es-
tava deitado e assim não sendo
chamado não podia saber que lhe
atiravam para o pateo da prisão
com um preso.» Este periodo da
carta do sr. Delegado é conclu-
dente quanto á pitoresca actitude
que S. Ex.ª entendeu adoptar nes-
ta questão. Pitoresca e triste, a
um tempo, porque o que ali se
diz não joga certo — pode lá jo-
gar! — com tudo quanto vimos di-
zendo desde o inicio da mesma
questão. Dizendo, e provando, o
que S. Ex.ª não faz... Munamo-
nos, pois, de paciencia, e repize-
mos, para que bem patenteada fi-
que a imparcial orientação do sr.
Delegado:

Quando o preso foi levado para
a cadeia, o carcereiro não estava
lá. Esta affirmação a fizemos ao
sr. Delegado na presença da prop-
ria esposa daquele, e quando S.
Ex.ª nos procurou no nosso esta-
belecimento. Não foi negada por
aquella affirmação que fizemos, e
o sr. Delegado deve recordar-se
do tom de certeza que empregamos.
E' que nós sabiamos bem as
informes que unhamos! Indigna-
mos pois, aquelle tendenciosis-
simo — decerto — porque é aten-
torio da verdade dos factos e
não fica bem na boca de quem
tenha a noção pertenta da respon-
sabilidade do seu cargo. S. Ex.ª
insinua... e, ensinando, tapa
quem provaricou. Não é essa a
missão do sr. Delegado, nem para
isso o Estado lhe paga.

N. da B. — Dada a falta de espa-
ço com que lutamos somos obriga-
dos a deixar para o proximo
numero a conclusão desta carta,
recebida do sr. Apto d'Oliveira.

Do sr. Francisco Manoel, car-
cereiro da cadeia desta comarca,
recebemos uma extensa carta que
não publicamos por não vir em
termos de o podermos fazer.

Visitantes illustres

Esteve em Faro na quinta feira,
acompanhada dos condes de Co-
lombi e outras pessoas, Sua Alteza
Real a Infanta D. Eulalia, tia
de El-Rei D. Alfonso XIII.
Visitaram o Paço Episcopal, al-
gumas igrejas e arredores de Faro,
cujos encantos lhe mereceram
elogios. Inauguraram o Centro
Hespanhol, onde lhes foi servido
um delcado copo de agua, tendo
ahi dado recepção á respectiva co-
lonia.
O sr. Judge Fialho pôs á dis-
posição dos illustres visitantes o
seu automovel oferecendo-lhes na
quinta feira um opiparo jantar.
Retiraram para Hespanha no
comboio da manhã de sexta feira.

Nossa Senhora do Pé
da Cruz, de Faro

No proximo sabado, 3 de maio,
pelas 10,30 da manhã (hora oficial)
será rezada na capela de N. S. do
Pé da Cruz, desta cidade, uma mis-
sa, por Sua Excelexencia Reverendis-
sima o sr. Bispo desta diocese.
Durante a cerimonia um grupo de
filhas de Maria cantará alguns trô-
chos.

Calem-se!

Lembram-se os nossos leitores,
de varias vezes aqui termos cen-
surado a vereação transacta por
andar a gastar dinheiro no estudo
de projectos de coisas para ela
irrealisaveis ao mesmo tempo que
deixava ao abandono a hygiene e
saneamento da cidade?

Eram justissimos os possos re-
paros pois que pelas ruas da ci-
dade a altas horas do dia, os ha-
bitantes e os turistas eram mim-
oseados com o perfume das pipas,
rastejando porcaria. Ruas mal cal-
çadas, ruas com o macadam com-
pletamente reduzido, confôrme a
estação, a montes de lama ou de
poeira; ruas por onde escorren-
cias negras punham nas valetas
tarjas negras de porcaria, etc.,
etc., apesar de numa verdadeira
razia se venderem todos os ter-
renos e não chegaram para pagar
as dividas todos os dinheiros que se
arranjava.

Veio a vereação actual e, posta
de parte toda a idéa politica, com
prazer o constatamos, começaram
a concertarem-se as calçadas, a
fazer-se colectores, a arranjar-se
os macadams, a mudar-se em-
fim a toilette da cidade dando-lhe
um aspecto de acção que toda a
gente reconhece e aplaude.

Mas, justamente porque esse exito
se acentua e cresce todos os dias
começam os cronistas de maior
circulação no Algarve e no Alem-
tejo a engasgar-se. Agora para
justificarem a apoteose que fize-
ram a pipa de perfume, no tempo
da outra vereação, censuram as
obras de esgotos feitos pela actual
e pretendem demonstrar que são
mais higienicos os canecos ás por-
tas e ás negras e fedorentas es-
correncias das valetas!

E' onde pode chegar o faciosis-
mo intellectual!
Sem autoridade alguma para
censuras, visto que, para não de-
sagradarem aos socios, engoliram
pipas e baionetas no tempo da
outra vereação calando-se ou elo-
giando, os cronistas da grande cir-
culação o que conseguem é faze-
rem mais uma vez o que tantas
outras tem feito — triste figura.

Cine-Teatro

...Sr. Director de O Algarve
Isto já toca as raias da massa-
da para V. e para os seus leito-
res, mas trata-se de interesses que
é preciso não desamparar e por
isso tenha paciencia em mais uma
vez o importunar visto o sr. Ma-
deira, encarregado da central elec-
trica do Cine-Teatro, voltar a que-
rer convencer alguém das suas
ideias sobre a reforma do maqui-
nismo que ali existe. O sr. Ma-
deira repisou as suas affirmações,
mas não arranjou para elas quaes-
quer argumentos que as impo-
nham.
Diz ele, para tranquilisar o nos-
so rico dinheirinho que a maqui-
naria custará 80 contos e que estes
se arranjarão indo buscar os 50
contos que ha nas reservas para
melhoramentos e o restante, 30
contos, virá da venda das maqui-
nas que lá tem prestado bom ser-
viço.
E' segundo o sr. Madeira, uma
operação facilima, mas eu enten-
do que tem inconvenientes e gran-
des. Os 50 contos estão lá; é real-
mente facil gasta-los, apesar de
amanhã em virtude de um desas-
tre, incendio ou outra calamidade
podem ser precisos. Os 30 con-
tos porém, só estão realizados na
boa vontade que o sr. Madeira
tem em que assim seja.
Nada mais verdadeiro. As ma-
quinas não se podem entregar,



mesmo em caso de venda antecipa...

Quem é que dá os 30 contos para...

Porque hão de as máquinas render...

Mas ha outra questão de ordem...

Como se vê, a ideia do sr. Madeira...

Quanto ao que o sr. Madeira diz...

Ao que ninguem se oporá, com...

Um modesto accionista

N. da R. — Não tem o nosso...

Esteve em Faro, e em Monchique...

Passando as festas com suas filhas...

Regressou de Lisboa o sr. coronel...

Por ter terminado a comissão que...

Está em Faro, prestando serviço...

Para se submeter a uma intervenção...

Partiu para Lisboa o tenente de...

Esteve em Faro o sr. coronel...

Passou alguns dias nas caldas de...

Realizou-se na quinta feira, na...

Arvores para Avénidas, estradas...

Jardins, Parques e Pomares

Arvores para Avénidas, estradas...

Arvores de fructo de todas as...

Arvores de fructo de todas as...

Arvores de fructo de todas as...

Arvores de fructo de todas as...

Arvores de fructo de todas as...

Arvores de fructo de todas as...

Arvores de fructo de todas as...

Arvores de fructo de todas as...

Arvores de fructo de todas as...

Arvores de fructo de todas as...

Arvores de fructo de todas as...

ra Lisboa, onde fixam residencia.

Está em Faro com sua esposa o...

Está em Faro o sr. Manoel Monteiro...

Neerologia

Na sua propriedade no sitio de...

O sr. dr. Tavares Cortes tinha...

O seu funeral que constituiu uma...

Acompanhamos sua familia no...

Agradecimento

Julio Cartaxo e sua esposa, vem...

Editos de 30 dias

1.ª publicação

Para o inventario de José das...

O Escrivão do 1.º officio,

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Editos de 30 dias

1.ª publicação

Para o inventario de Maria da...

O Escrivão do 1.º officio,

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Material electrico

de toda a especie

Fornecemos aos revendedores.

Aceitamos agentes no Algarve

AZEVEDO & BRITO

RUA DO ARÇO BANDEIRA, 5-3.º

Telefones C. 5464

gramas SANBRITOS.

LISBOA

Jardins, Parques e Pomares

Arvores para Avénidas, estradas...

Arvores de fructo de todas as...

Arvores de fructo de todas as...

Arvores de fructo de todas as...

Arvores de fructo de todas as...

Arvores de fructo de todas as...

Arvores de fructo de todas as...

Santos Silva & Salgadinho, L. da

Fabrica de conservas de peixe em azeite e salmoura



TOSSES

Gripe Bronquites Constipações



Instituto Pasteur de Lisboa

LISBOA-R. N do Almada 69

PORTO-R. dos Clerigos 26

Tratamento das vinhas pelo Pó Caslaro e enxofre Ferro Cubrico.

VELUDOS SETINETAS

para estofos e reposteiros

Peçam amostras e preços

The British Products Supply, L. da

Calçada do Carmo, 25, s/L Eq.º — LISBOA

CASA MATTOS

Rua Conselheiro Bivar, 29, 31

FARO

Fazendas de algodão, lã, mercador e miudezas.

Tudo mais barato

Completo sortido em panos brancos, tecidos finos, zefires, colchas, bordados, rendas, etc.

Chitas desde 2.500 o metro Panos br.º 5.000 o metro Panos crus 3.500 o metro

LINDAS CASSAS A 5 E 6.000 O METRO

O maior sortido em chapéus de palha para creança. Guarda chuyas e sombrinhas

Todos á CASA MATTOS

Oficina de canteiro e escultura

Antonio Tomaz Ramos

Estrada de Alportel

FARO

encarrega-se de todos os trabalhos pertencentes á sua arte

Construção de jazigos e de todos os trabalhos para construção de prédios

Fornecimento de marmores para moveis

Execução rapida, perfeita e economica



FOR motivo de liquidação de bens, vende-se ou transfere-se a Tipografia SERAFIM

uma das melhores e mais acreditadas do Algarve. Presta qualquer esclarecimento unicamente na propria officina, Rua de Santo Antonio, 75, FARO

A secção de Papelaria não faz parte do trabalho da tipografia

FABRICA INDUSTRIAL DE FERRO

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE

DE

MANOEL CARVALHO

Rua Infante D. Henrique, 186 — Faro

Construção de poços artesianos. Vendem-se materiais para os mesmos.

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrrega-se de todos os trabalhos mecanicos de vime.

Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades com a maior ligeireza, solidez e perfeição.

Fazem-se charruas de todos os tamanhos, máquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas.

Ninguem deixe de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

Preços sem competencia

Ninguem compre sem primeiro visitar esta importante fabrica.

Motores a Gaz Pobl

Com GAZOGENEOS da reputada Fabrica MOTTO-DEUTZ de

Construção de 1922, já em Lisboa 20-25-35 cavalos.

Preços muito inferiores aos da fabrica

Buagete & Bragança, L. da

Travessa das Pedras Negras=8 L

Teleg: Burecala-LISBOA

PIANOS

GRANDE sortimento em armazem para entregas imediatas

Das acreditadas marcas alemãs

HOFFMANN & KUHNE ZEITER & WINKELMANN G. NIENDORF HEYL

M. F. RACHAIS & O.º etc. Preços resumidos e sem concorrência.

Feir pregos aos unicos representantes

LAMBERTINI antiga casa fundada em 1830 de musica e

82—Praça dos Restauradores—68

TELEFONE NORTE 3171-LISBOA